

RITUAIS DE ALIMENTAÇÃO NA CRECHE: UM OLHAR PARA AS DIMENSÕES CULTURAIS, CORPORAIS E AFETIVAS DAS PRÁTICAS ALIMENTARES NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Maria Lana Guedes Alcoforado ¹
Alice Tranquilino da Silva Correia ²
Adriane Cristina de Souza Santos ³
Karin Cristina Santos de Albuquerque ⁴
Deise Arenhart ⁵

RESUMO

O presente trabalho está relacionado à experiência vivida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/Pedagogia - UFRJ) no ano de 2025. As autoras deste relato acompanham uma turma de Maternal na Creche Municipal Aracy Guimarães Rosa e, a partir dessa experiência buscam, através de uma metodologia de observação participante, entender como as crianças vivenciam as práticas alimentares e que indicativos elas trazem para que se reflita sobre os sentidos destes momentos. O relato de experiência das licenciandas traz indícios de como as dimensões do corpo e da alimentação estão fortemente atreladas no universo da educação infantil e, portanto, da importância de práticas pedagógicas que valorizem práticas alimentares conscientes a partir da experimentação e escuta do corpo. As observações trazem uma série de práticas que entrelaçam importantes dimensões da educação infantil como a interação entre pares, a ampliação de experiências sensoriais e a construção da autonomia. Atividades como a construção da horta escolar, a participação no preparo da merenda e o exercício de montagem de seus próprios pratos são exemplos de práticas que geram afetos positivos nas crianças em relação aos rituais de alimentação. Assim, as vivências indicam que dimensões nutricionais, culturais, afetivas e éticas devem ser consideradas quando tomamos a alimentação como uma dimensão importante da educação infantil, quando o gosto começa a se manifestar e a ser educado; quando se dão as primeiras experiências de escolha, autonomia, ao mesmo tempo em que os alimentos e rituais de alimentação vão sendo significados culturalmente. Assim, vimos que este tema merece ser melhor refletido na educação infantil, a partir de um olhar que considere os afetos que as crianças expressam no encontro com os alimentos e os rituais de alimentação, bem como as responsabilidades nutricionais e os saberes culturais que são mobilizados nestes rituais cotidianos de alimentação na creche.

Palavras-chave: PIBID, Educação Infantil, Corpo, Alimentação.

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, marialanaguedes@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, alicetranquilinoufrj@gmail.com;

³ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, adrianecristina936@gmail.com;

⁴ Doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, karin.albuquerque@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, deise.arenhart@gmail.com.





INTRODUÇÃO

A alimentação, nos contextos educativos da infância, costuma ser tratada sob uma perspectiva funcional e higienista, centrada na nutrição e no cuidado físico. Mas, ao observar atentamente os momentos alimentares no cotidiano da creche, percebemos que esses instantes são atravessados por afetos, encontros, expressões culturais e construções coletivas de sentido. Inspiradas pelas reflexões de Spinoza (1983) sobre os bons encontros, aqueles que potencializam a existência e pelo entendimento de Léa Tiriba (2022) sobre a educação como espaço de alegria, reconhecendo corpo como natureza, buscamos defender a alimentação não apenas como ato biológico, mas como potência formativa.

Enquanto pibidianas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), inseridas no cotidiano de uma turma de maternal, fomos atravessadas por experiências que revelam a força dos rituais alimentares como espaços de construção de autonomia, pertencimento e produção de afetos alegres (Spinoza, 1983). Assim, este trabalho propõe olhar para os momentos de alimentação como práticas pedagógicas que mobilizam afetividades, cultura e corpo, constituindo-se como bons encontros que ampliam a potência de viver e aprender das crianças.

Ao considerar os momentos de alimentação como cenas educativas, afirmamos também uma concepção de criança potente, criadora de sentidos e não apenas receptora de cuidados. Comer ao lado dos pares, comentar sobre o sabor, escolher o que colocar no prato, cheirar um tempero recém-colhido ou mesmo recusar um alimento são gestos que revelam uma relação ativa com o mundo. São nesses gestos que se inscrevem os afetos de que fala Spinoza, encontros que aumentam a alegria e, consequentemente, nossa potência de existir.

Com essa perspectiva, deslocamos a alimentação do campo da rotina para o campo da experiência. A rotina organiza o tempo, mas a experiência o qualifica, produz intensidade e memória. Assim, compreender a alimentação como espaço de experiência é reconhecer que ali existem aprendizagens éticas (do cuidado de si e do outro), estéticas (sensações, cheiros, cores, preparação) e políticas (participar, decidir, ser reconhecido como sujeito que sente e deseja). É neste entrelaçamento que entendemos a educação infantil como território de direitos e não apenas de proteção.



METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de março de 2025 e outubro de 2025, durante a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no acompanhamento de uma turma de maternal, composta por crianças de 3 a 4 anos de idade, na Creche Municipal Aracy Guimarães Rosa, localizada no bairro Catete, na zona sul carioca. Trata-se de uma investigação com abordagem qualitativa, construída a partir da observação participante, por meio de visitas semanais à creche, totalizando dois encontros por semana, especificamente por nós autoras do artigo, acompanhadas de registros escritos, fotográficos (não possuímos autorização institucional e familiar para a divulgação das imagens das crianças). As experiências foram acompanhadas, valorizando os gestos, falas espontâneas, expressões corporais e manifestações afetivas das crianças nos momentos de alimentação e nas atividades vinculadas aos projetos “Horta Escolar” e “Almoços Especiais”. A metodologia adotada inspira-se nos princípios de uma escuta atenta e sensível, compreendendo as crianças como sujeitos de direitos, produtoras de cultura e protagonistas de suas experiências.

Não buscamos medir resultados, mas produzir sentidos a partir do que emergiu do vivido, aproximando teoria e prática, afetos e pedagogia. Dessa forma, mais do que descrever atividades, propusemo-nos a interpretar os encontros observados à luz de Spinoza (1983) e Tiriba (2022), compreendendo como esses momentos podem se configurar como experiências potentes na educação infantil.

A escolha pela observação participante não se deu apenas como técnica de pesquisa, mas como postura ética de estar com as crianças, permitindo que os acontecimentos afetassem e desestabilizassem nossos próprios modos de compreender a educação. Registrar o vivido exigiu atenção às cenas sutis, como o brilho nos olhos ao colher uma folha de hortelã ou a conversa espontânea durante o preparo do quibe, compreendendo que esses detalhes revelam modos de viver a infância que muitas vezes passam despercebidos nas práticas escolares mais rígidas.

Os registros foram realizados de forma narrativa, preservando as expressões das crianças e o clima emocional das experiências. Essa escrita sensível busca legitimar a infância como linguagem e afirma que há conhecimento nas pequenas ações, nas pausas, nas escolhas





e nas formas de tocar o mundo. Inspiradas por autores que defendem uma pesquisa que nasce da

experiência - como Maria Goreti Sousa (2025) e Carmem Lúcia Cabral (2025) - assumimos que investigar também é ser atravessada e produzir pensamento a partir do vivido.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ética é regida pelos afetos, pois são eles que apontam caminhos que conduzem a bons ou maus encontros, em níveis de micro ou macro políticos. Bons encontros são aqueles que potencializam a existência; maus, os que entristecem, fazem sofrer, despotencializam, tanto o ser individual como a natureza” (Tiriba, 2023, p.4).

Utilizamos de Spinoza (1983) e seu conceito de afetos como nosso primeiro referencial teórico, pois acreditamos que as suas reflexões sobre bons e maus encontros contribuem imensamente para nossas experiências enquanto Pibidianas (estudantes participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid) da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Para ele, os bons encontros são aqueles que elevam e impulsionam a nossa existência, que aumentam a nossa potência enquanto seres individuais e/ou coletivos. Já os maus encontros são aqueles os quais diminuem e enfraquecem esse ser; ambos os encontros são capazes de deixar marcas, ou melhor, afetos que podem potencializar ou despotencializar os indivíduos em suas experiências com o mundo, o outro, a natureza etc.

Diante das nossas vivências na creche acompanhando as crianças, percebemos os momentos de alimentação como impulsores de bons encontros. Nesses momentos as crianças fazem da alimentação e dos rituais ali incorporados um aprendizado em coletivo. Então, para além da nutrição e do “mecanicamente alimentar”, também envolve um momento do corpo, em um movimento de descobertas e múltiplos atravessamentos, com si e com seus pares.

O conceito de Spinoza relaciona-se diretamente e complementarmente com Léa Tiriba, trazendo o olhar da educação como um direito e alegria.

As crianças vão construindo conhecimentos, valores, afetos a partir de sua experiência com o mundo [...] a livre movimentação, as conexões com o mundo





natural, com as demais crianças e adultos [...] são experiências fundamentais na formação de seres potentes, são bons encontros” (Tiriba, 2022, p 249).

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Léa Tiriba (2022) nos traz a perspectiva de que as crianças constroem conhecimentos e fortalecem os afetos nas interações com as outras crianças, com os adultos e o mundo natural e que essas conexões, esses encontros, são potentes para o ser. Para nós, que entendemos a

infância como um momento caro e recheado de interações e socializações em sala, buscamos compreender a necessidade da livre experimentação do corpo, inclusive nos rituais alimentares.

O corpo, especificamente na etapa da educação infantil, é inseparável das descobertas, interações, aprendizagem e construção de conhecimento. Entendemos, então, a necessidade de olhar a criança como protagonista do seu processo de aprendizagem, para além do desenvolvimento intelectual e cognitivo, mas também com as dimensões afetivas e corporais, garantindo os direitos ao seu desenvolvimento integral como um sujeito social e histórico.

Como visto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 2017), os objetivos da educação são promover o desenvolvimento integral do ser humano, a formação para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Assim, tendo em vista que o ser humano se manifesta em sua totalidade envolvendo o corpo, mente e emoções de forma interligada, enquanto professor é de suma importância proporcionar ferramentas que potencializem esses momentos, o ambiente, as experiências e espaços que potencializam a nossa existência de forma individual, mas também com o coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De março a outubro de 2025, meses nos quais o trabalho foi realizado, foram observadas, no cotidiano turma de maternal, algumas práticas que evidenciam a ligação das dimensões corporais e da alimentação ao universo da educação infantil e valorizam experiências alimentares conscientes a partir da experimentação e escuta do corpo. Entre estas experiências vivenciadas na creche que contribuíram significativamente para o trabalho, destacam-se a construção da horta escolar e o projeto pedagógico “Almoços Especiais”.





PROJETO HORTA:

Em maio de 2025, começou a ser realizado um projeto de construção de uma horta escolar no quintal da creche.

Em um primeiro momento, foram plantadas, por uma equipe de funcionários da área, mudas de algumas hortaliças, como coentro, hortelã e salsinha. Assim que foram colocadas nos canteiros da horta, a professora levou a turma para conhecer as novas “plantinhas” do local. A atividade foi recebida pelas crianças com bastante entusiasmo e uma série de dúvidas e perguntas vieram à tona: “Se tem cebolinha, cadê a Mônica?”; “O jabuti também come coentro?”.

Algumas semanas depois, as crianças vivenciaram um dia de plantio na horta, no qual tiveram a oportunidade de semear sementes de pimentão e tomate. Com as mãos na terra, a professora conduziu a atividade conversando com os pequenos sobre o ciclo da natureza e explicando o que eles estavam fazendo. A ideia de plantar uma semente que, ao mesmo tempo que veio deles, se transformaria, posteriormente, em um pimentão ou tomate, do formato que eles conheciam, parecia encantar as crianças.

Desde o início da construção da horta até os meses decorrentes, as crianças demonstraram ter criado um sentido de pertencimento, reconhecimento e identidade com aqueles canteiros.

Estava brincando no quintal da escola com algumas crianças quando uma delas levanta, repentinamente, e diz:

-Maria, vem cá, corre! Você ainda não viu.

Chegando à horta a menina aponta para um broto que vinha surgindo da terra e conta com bastante entusiasmo:

-Esse aqui é o pimentão, foi a gente que plantou! Ele nasceu!

-E esse aqui é o hortelã, sabia?, disse outra menina.

(Maria Lana, registro de campo, setembro de 2025).

O relato acima, evidencia esse sentimento de pertencimento por parte das crianças em relação à horta. Léa Tiriba (2010), ao defender o desemparedamento das infâncias, reafirma a tendência das crianças de se aproximarem de outros elementos da natureza, de se afeiçoar pelas coisas vivas, chamada biofilia. Esse comportamento fica extremamente evidente quando analisamos as interações das crianças com outros elementos naturais da creche, como a horta.





Nesse sentido, as práticas pedagógicas observadas durante o andamento do trabalho, no que tange o projeto da horta escolar, demonstram a preocupação da professora em trazer, para as crianças, cotidianamente momentos prazerosos, de bons encontros (Spinoza, 1983). Estes encontros religam as crianças com a natureza (Tiriba, 2010) e reinventam possíveis formas de aprender, valorizando a unidade corponatureza (Albuquerque, 2023) - o entendimento de que nós, seres humanos, somos seres da natureza e de que, portanto, não podemos compreender corpo e natureza como conceitos dissociáveis, mas como unidade, ainda muito latente nos pequenos.

PROJETO “ALMOÇOS ESPECIAIS”:

Outra experiência, muito pertinente ao tema do trabalho, vivenciada em seu período de realização, foram os “Almoços Especiais”- nome dado pelas próprias crianças. A ideia do projeto dos almoços foi pensada como uma maneira de repensar os momentos de alimentação das crianças, criando uma nova atmosfera, lotada de afetos e sentidos especiais. Nos dias de “Almoços Especiais”, as crianças da turma experienciam a colheita de hortaliças, preparam as refeições do dia, montam seus próprios pratos e comem em espaços não habituais.

Um dos “Almoços Especiais” realizados nos últimos meses, que ilustra bem o que acontece no projeto, foi o “Dia do Quibe”. A partir de uma série de atividades recheadas de afetividades, as crianças prepararam - passando por todas as etapas de preparo, da colheita de hortelã até a arrumação do quintal - um quibe para o almoço da turma.

O dia começou com uma ida à horta da escola para colher hortelãs para temperar o quibe. Chegando lá, a professora juntamente as crianças foi pegando alguns ramos e dando para eles sentirem os cheiros e as texturas, o que os deixou fascinados. As expressões faciais dos pequenos eram diversas enquanto experimentavam as folhas que acabavam de sair da horta; olhares de surpresa, alegria e encantamento foram muito observados durante esses momentos.

Da horta, a turma foi direto para a cozinha para preparar a receita do quibe. Chegando lá, as hortelãs foram lavadas e as funcionárias da cozinha deram à professora, em potes grandes, os outros ingredientes necessários para a receita. As crianças, então, começaram,





com auxílio das professoras, a fazer a massa do quibe. Uma a uma, foram mexendo os ingredientes, com as próprias mãos, até formar uma massa, que foi colocada em um tabuleiro e iria, em seguida, para o forno. Em todo esse momento de preparo, as crianças demonstraram muito interesse na atividade, esperavam ansiosamente a sua vez de mexer os ingredientes e olhavam admiradas enquanto os colegas estavam em ação.

Enquanto o quibe estava no forno, era hora de preparar o quintal da escola para receber o “Almoço Especial”. Os funcionários da escola ajudaram a turma a tirar as mesas e cadeiras da sala e levar para o quintal. Enquanto isso, as crianças iam colocando toalhas coloridas nas mesas e enfeitando o espaço. Todos pareciam bem animados ao fazer isso. Criar um ambiente esteticamente bonito e prazeroso para realizarem a refeição foi uma preocupação das crianças, o que evidencia - e traz fortes indícios culturais - o valor que elas dão para esses momentos.

Finalmente, chegou a hora da refeição! As crianças se dividiram nas mesas e foram servindo seus próprios pratos com as quantidades que sentissem necessidade, autonomamente, o que não costumam fazer no dia a dia; o que as deixou bastante entusiasmadas.

Durante o momento da refeição a professora colocou uma caixa de som tocando sambas, para deixar o momento ainda mais prazeroso. As expressões das crianças não escondiam, estavam extremamente felizes de estarem ali: sorrisos de satisfação, danças ao som de “Nós amamos quibe! Nós amamos quibe!” e comentários positivos sobre o sabor da comida não faltaram por ali!

Os “Almoços Especiais” são uma excelente maneira de observar na prática como se dá a teoria de Spinoza (1983) dos bons encontros, a partir da mobilização de afetos alegres que potencializam a vida. A partir da construção de bons encontros com os alimentos e os rituais de alimentação, as crianças experimentaram afetos alegres, expressando dimensões culturais, corporais e afetivas em relação às práticas alimentares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o processo de elaboração do trabalho, considerando as experiências vividas durante todo o tempo de realização e as análises dos resultados encontrados, chegamos a conclusão de que dimensões nutricionais, culturais, éticas e afetivas devem ser consideradas





quando tomamos a alimentação como dimensão fundamental da educação infantil. Tendo em vista que é nessa faixa etária que se dão as primeiras experiências de escolha e autonomia, ao mesmo tempo em que os alimentos e rituais de alimentação vão sendo culturalmente significados, ou seja, quando o gosto começa a se manifestar e ser educado, é fundamental que as práticas alimentares sejam compreendidas como momentos pedagógicos e pensadas de forma atenta pelos educadores.

Creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar porque lá as crianças colhem suas primeiras sensações, impressões, sentimentos do viver. Sendo assim, a dimensão ambiental não poderia estar ausente, ou a serviço da dimensão cultural, ambas deveriam estar absolutamente acopladas. (TIRIBA, 2010, p.2)

Nesse sentido, de acordo com Léa Tiriba (2010), as creches são espaços férteis para a construção de práticas alimentares conscientes, atentas não apenas às questões nutricionais

alimentares, mas às dimensões ambientais, culturais e éticas desse processo. O trabalho a partir dos afetos (Spinoza, 1983), ainda, abre margem para que essas práticas sejam ressignificadas a partir da mobilização de encontros alegres, que proporcionam uma nova forma de relação com a alimentação, repleta de sentidos e significados.

Assim, vimos que este tema merece ser melhor refletido na educação infantil, a partir de um olhar que considere os afetos que as crianças expressam no encontro com os alimentos e os rituais de alimentação, bem como as responsabilidades nutricionais e os saberes culturais que são mobilizados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Karin Cristina Santos de. **Na creche: composições entre Corposnatureza**. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação de mestrado.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

DA SILVA SOUSA, Maria Goreti; DE OLIVEIRA CABRAL, Carmen Lúcia. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. Horizontes, [S. l.], v. 33, n. 2, 2015. DOI: 10.24933/horizontes.v33i2.149. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em: 19 out. 2025.

SPINOZA, B de. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.





TIRIBA, Lea. **Crianças da Natureza**. In: ANAIS I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO. x Encontro Nacional das Licenciaturas em Perspectiva Atual Belo Horizonte, novembro de 2010.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares libertárias**. (3.ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

TIRIBA, Lea Vargas; SANTOS, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos; SCHAEFER, Kátia Almeida Bizzo. **Na contramão da BNCC: do emparedamento colonizador ao livre brincar**. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 39, e86018, 2023

